

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A OBRA *ESAÚ E JACÓ*, DE MACHADO DE ASSIS

Adriana Paula Hoff ¹
Kelly Cristina Heck Assunção ²
Marla Klitzke Kreibich ³

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo fazer um levantamento teórico e documental acerca da obra *Esaú e Jacó*, do escritor Machado de Assis. Este romance, o penúltimo do autor, tem como fundo a cidade do Rio de Janeiro durante a queda do Império e nascimento da República e narra a vida dos gêmeos Pedro e Paulo, representantes, respectivamente, dos modelos políticos em questão. Procura-se, partindo disto, verificar os traços realistas e, principalmente, as particularidades da obra machadiana dentro do romance, tais como as características do narrador, as intertextualidades que são propostas aos leitores, os triângulos amorosos e a rivalidade fraterna. Ademais, outro ponto de partida foi o “Esquema de Machado de Assis”, de Antonio Candido (2004), o qual aponta para outros traços presentes nas obras de Machado, tais como a dicotomia aparência x essência, o real e o imaginado e a importância do ato.

PALAVRAS-CHAVE: Realismo; Machado de Assis; *Esaú e Jacó*.

1. INTRODUÇÃO

Machado de Assis é sem dúvida um dos maiores – senão o maior – dos escritores literários do Brasil. Assis figura, também, como o representante principal do movimento realista no país, tendo como obras-primas *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, além de inúmeros contos que são lidos e relidos até a atualidade com a mesma importância e aplicação.

Seu penúltimo romance, *Esaú e Jacó*, publicado em 1904, é o principal objeto de estudo deste artigo. A obra recorre à história bíblica homônima na qual os gêmeos brigam desde o ventre da mãe. Nesta releitura de Machado de Assis, Pedro e Paulo mantêm o conflito fraterno, especialmente quando se trata de política e da jovem Flora.

Para o presente estudo, foram selecionados diversos artigos e estudos nos quais pôde-se observar os mais variados modos de analisar a obra em questão. Partiu-se também do

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em Letras da Unioeste – Campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: adriphoff@yahoo.com.br.

² Acadêmica do Curso de Graduação em Letras da Unioeste – Campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: kelly_cristina97@hotmail.com.

³ Acadêmica do Curso de Graduação em Letras da Unioeste – Campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: marlinha_k@hotmail.com.

“Esquema de Machado de Assis”, produzido por Antonio Candido (2004), crítico literário reconhecido como autor de uma das leituras mais elucidativas da obra machadiana.

O trabalho está organizado de forma a apresentar inicialmente a obra para depois serem expostos os resultados das pesquisas e discorrer acerca das características marcantes do Realismo e de Machado de Assis.

2. APRESENTAÇÃO GERAL DA OBRA

Esau e Jacó é o penúltimo romance de Machado de Assis, publicado em 1904, e narra a história dos irmãos gêmeos Pedro e Paulo, os quais representam as oposições políticas na questão da formação da República. A obra começa com um capítulo de “Advertência”, em que é informado ao leitor que este “vai ler o último dos sete cadernos manuscritos do Conselheiro Aires encontrados numa secretária depois de sua morte” (AZEVEDO, 2012, p.2).

O romance começa com Natividade, que era uma católica fervorosa, e sua irmã, Perpétua, visitando a cabocla do Morro do Castelo, para saber como seria a vidas de seus filhos gêmeos; esta acaba prevendo “coisas futuras” para os meninos e afirma que eles “serão grandes”. Pedro e Paulo crescem idênticos fisicamente, rivais em tudo e com personalidades totalmente distintas. Já adultos, Paulo ingressa na faculdade de Direito e Pedro cursa Medicina. Quanto à política, Paulo torna-se republicano e Pedro monarquista. A mãe Natividade, triste com a rivalidade dos filhos, vai em busca do Conselheiro Aires pedindo aconselhamento sobre os gêmeos, os quais de nada valem.

Apesar de serem muito diferentes, ambos se apaixonam por Flora, filha do político oportunista Batista e de D. Cláudia. Flora, que era uma moça muito retraída, não se decidia por nenhum dos dois, e como dizia o Conselheiro Aires, ela era “inexplicável”. No momento em que os dois irmãos começam a cobrar da moça uma decisão, ela procura o conselheiro pedindo-lhe ajuda e ele a aconselha a viajar para refletir. Diante disso, Flora viaja para Andaraí, cidade na qual fica hospedada na casa de D. Rita, onde acaba por adoecer. Apesar de receber os cuidados de D. Rita, a jovem não melhora. Ao saber do estado de Flora, os gêmeos começam a visitá-la; porém, ela não melhora e acaba falecendo. Neste momento, os dois irmãos se reconciliam temporariamente.

Com o passar do tempo, Natividade, mãe de Pedro e Paulo, também vem a falecer, e em seu leito de morte, pede aos filhos para que sejam “amigos para sempre”. Durante um ano, os dois irmãos conseguem cumprir a promessa, mas logo voltam às desavenças. Por fim, os dois acabam se elegendo deputados por partidos diferentes.

3. O NARRADOR EM *ESAÚ E JACÓ*

Uma das grandes questões levantadas em relação a esta obra machadiana, é sobre quem é o narrador. O romance é iniciado com o capítulo “Advertência”. Como aponta Petraglia (s.d.), “prefácios ou advertências, via de regra, têm o objetivo de esclarecer o leitor sobre o livro que se vai ler”, mas não é o caso deste capítulo, pois aqui o texto dará uma certa pista de quem seja o narrador desse romance. Vejamos:

Quando o conselheiro Aires faleceu, acharam-se-lhe na secretária sete cadernos manuscritos, rijamente encapados em papelão. Cada um dos primeiros seis tinha o seu número de ordem, por algarismos romanos, I, II, III, IV, V, VI, escritos a tinta encarnada. O sétimo trazia este título: Último.

A razão desta designação especial não se compreendeu então nem depois. Sim, era o último dos sete cadernos, com a particularidade de ser o mais grosso, mas não fazia parte do Memorial, diário de lembranças que o conselheiro escrevia desde muitos anos e era a matéria dos seis. Não trazia a mesma ordem de datas, com indicação da hora e do minuto, como usava neles. Era uma narrativa; e, posto figure aqui o próprio Aires, com o seu nome e título de conselho, e, por alusão, algumas aventuras, nem assim deixava de ser a narrativa estranha à matéria dos seis cadernos. Último por quê?

A hipótese de que o desejo do finado fosse imprimir este caderno em seguida aos outros não é natural, salvo se queria obrigar a leitura dos seis, em que tratava de si, antes que lhe conhecessem esta outra história, escrita com um pensamento interior e único, através das páginas diversas. Nesse caso, era a vaidade do homem que falava, mas a vaidade não fazia parte dos seus defeitos. Quando fizesse, valia a pena satisfazê-la? Ele não representou papel eminente neste mundo; percorreu a carreira diplomática, e aposentou-se. Nos lazeres do ofício, escreveu o Memorial, que, aparado das páginas mortas ou escuras, apenas daria (e talvez dê) para matar o tempo da barca de Petrópolis.

Tal foi a razão de se publicar somente a narrativa. Quanto ao título, foram lembrados vários, em que o assunto se pudesse resumir, Ab ovo, por exemplo, apesar do latim; venceu, porém, a ideia de dar estes dous nomes que o próprio Aires citou uma vez:

ESAÚ E JACÓ (ASSIS, 1994, p.13).

Neste capítulo de “Advertência”, podemos perceber que o narrador do romance supostamente é o Conselheiro Aires. No entanto, quando o leitor chega no capítulo XII “Esse Aires”, acaba percebendo que, além do romance ser narrado em terceira pessoa, o suposto narrador (Aires) se torna também um personagem, que estará presente até o fim do romance (AZEVEDO, 2012, p.2). Diante disso levanta-se a questão: quem é o narrador em *Esau e Jacó*?

Pinheiro (2009), afirma que este capítulo “Advertência” é um adiantamento da origem do texto. Para o autor, o narrador faz “uma apropriação silenciosa da história deixada por Aires”. Para Azevedo:

Quando se pensa que a função do prefácio é, ao mesmo tempo, revelar e esconder uma falha da obra - Dominique Jullien diz que “se o autor tem necessidade de interpretar seu texto em outro texto, é porque a obra é insuficiente por si mesma, ela é imperfeita”, essa falha, no objeto em pauta, estaria na obra “original”, a do Conselheiro Aires. Estava nela a imperfeição, a “transcrição” do autor-editor propondo-se a realizar, pode-se supor, aquilo que a narrativa de Aires não conseguiu atingir: a perfeição. Por outro lado, seriam exatamente as falhas da primeira obra a permitir a entrada do leitor intruso – o editor –, que se viu no direito de reescrevê-la, que é como pode ser interpretada a publicação da obra do outro fora da ordem prevista: a última antes da primeira (AZEVEDO, 2012, p.4).

Com essa afirmação, podemos perceber que para Azevedo (2012) o narrador presente em *Esau e Jacó* é um narrador “autor-transcritor”, que pode ser dividido em duas categorias:

A primeira compreende desde autores das várias formas de romance epistolar até ‘editores’ de papéis encontrados em algum lugar; a segunda, autores que dizem tão-somente transcrever o que encontraram, assim como aqueles que admitem certa participação no texto a ser lido (TACCA,1983, p.39 *apud* AZEVEDO, 2012, p.2).

Diante disso, para Azevedo (2012), o autor-transcritor mais que transcreve a narrativa de Aires, visto que este narrador foi o primeiro leitor da obra, ele acaba recriando-a a partir de seu olhar, e tornando assim Aires um personagem e não o narrador, porém esta questão ainda é muito ambígua.

4. ESAÚ E JACÓ: PARTICULARIDADES MACHADIANAS

O movimento do realismo teve seu pontapé com a obra de Machado de Assis, intitulada “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, no fim do século XIX e início do século XX. O contexto histórico-social desta escola literária é marcado pelos movimentos de ideal republicano e a crise da monarquia, a Lei Áurea (1888) e movimentos relacionados ao cientificismo, e em *Esau e Jacó* de Machado de Assis, esses acontecimentos são destacados.

As características marcantes na obra, e que são próprias do autor, são apontadas pela representação da narrativa por meio de personagens burgueses ou que pertencem ao ambiente burguês; o jogo de interesses entre as relações das classes sociais; a linguagem irônica de certa

maneira humorística e um pouco rebuscada, que faz com que o leitor se questione ou se depare com elementos da narrativa presentes na sociedade em que vive (CANDIDO, 2004. p.18).

Além de apresentar questões econômicas do governo brasileiro da época, Machado de Assis, descreveu em sua obra, elementos que caracterizam a mulher da época, sendo esta uma dona de casa e a responsável por cuidar dos filhos. Embora a classe social presente nesta narrativa é a burguesa, Machado não deixa de mencionar a presença e preocupação da mãe, Dona Natividade, com os filhos.

Mais do que com Natividade, a questão da mulher, em *Esau e Jacó* fica marcada pela personagem Flora, que é indecisa entre os irmãos gêmeos, não sabendo escolher, e acaba por morrer com a sua dúvida. Conforme Antonio Candido:

Ela [Flora], que deve identificar-se com uma ou com outra, se sentiria reduzida à metade se o fizesse, e só a posse das duas metades a realizaria; isto é impossível, porque seria suprimir a própria lei do ato, que é a opção. Simbolicamente, Flora morre sem escolher (CANDIDO, 2004, p.26).

Além de fazer uso da linguagem rebuscada, Machado de Assis faz uso da linguagem irônica no decorrer da narrativa, pois coloca o narrador em uma situação sem contestação, brincando de certa forma com o leitor em muitos momentos, que neste caso é realizada pelo autor-defunto e personagem Aires. Como podemos observar no momento em que se retoma a aproximação das duas personagens de diplomacia, Natividade e sua irmã, no episódio em que Aires é questionado na casa de Natividade sobre sua opinião acerca da cabocla do Castelo. Posto que não havia opinião formada ainda em relação ao tema, preferindo dessa forma, agradar seus interlocutores: “Como insistissem, não escolheu nenhuma das duas opiniões, achou outra, média, que contentou a ambos os lados” (ASSIS, 1989).

Ainda podemos ressaltar a apresentação de triângulos amorosos nas obras machadianas, como em *Dom Casmurro*, no qual Bentinho é casado com Capitu e sente ciúmes de seu amigo Escobar. Em *Esau e Jacó*, Machado de Assis apresenta a disputa de Pedro e Paulo por Flora, de modo que ambos a ama e ela ama aos dois. Os irmãos acabam pressionando a moça, que começa a ter alucinações e acaba por morrer na indecisão. Tais triângulos muitas vezes acabam na morte de personagens como nos romance acima citados: Bentinho e Capitu se separam, ela vai à Europa onde morre e Flora que adocece com a incerteza e prefere morrer a escolher um dos dois.

Outra característica muito presente nas obras de Machado de Assis é a intertextualidade que o autor propõem com diversas obras clássicas. A intertextualidade é caracterizada por Barros e Fiorin (1999 *apud* ZANI, 2007) como o empréstimo ou retomada da

ideia de outro autor, de forma que os leitores são capazes de reconhecer no novo texto produzido as obras que são referenciadas.

Para Cury (2016, p.119), “A conclamação que Machado de Assis faz a seu leitor virtual em muitos de seus romances [...] procura indicar para o leitor algumas chaves de leitura, inscrevendo-o com isso, no corpo mesmo do texto”. Sendo assim, o grande autor realista busca trazer intertextualidade para suas obras como forma de inserir o leitor dentro de seu texto, fazendo com que o próprio receptor consiga procurar pelos sentidos propostos e pelas referências que são propostas. Segundo Cury (2016), fazer o uso deste recurso, a intertextualidade, proporciona um grande dialogismo entre autor e leitores, sendo estes últimos também responsáveis pela “vida” de um texto literário.

No romance em questão, “A radical incompatibilidade entre os gêmeos Pedro e Paulo estabelece o diálogo entre as personagens Isaú (sic) e Jacó da narrativa bíblica que, inclusive, dão nome ao romance de Machado de Assis. Mas se estabelece um diálogo com os acontecimentos da época” (CURY, 2016, p.118). Desta maneira, Machado de Assis consegue retomar a estória dos gêmeos que brigam desde o ventre e transportá-la para o Brasil à época da Proclamação da República.

Além desta intertextualidade que é mais explícita, Machado de Assis retoma outras passagens da Bíblia, como a própria escolha dos nomes dos irmãos protagonistas, feita em uma igreja por D. Perpétua e que também entra na discussão sobre a briga fraterna: “Já o fato de se chamarem Pedro e Paulo indicava alguma rivalidade, porque esses dois apóstolos brigaram também” (ASSIS, 1977, p.31).

Ainda da Bíblia, o autor realista remete ao livro de São Mateus, capítulo IV e versículos 1-10, sendo este o nome do capítulo XLVII do romance. Como as próprias notas de rodapé da obra informam, é neste trecho da Bíblia que são narradas as tentações pelas quais Jesus passou com Satanás. De forma muito irônica, o capítulo do romance que retoma este trecho descreve a forma como D. Cláudia tentou Santos a trocar de lado político.

Além de retomar passagens bíblicas, *Esau e Jacó* conta com diversas outras referências intertextuais, das quais podem ser citados personagens da mitologia grega (Adamastor, Orfeu e Eurídice e Terpsícore), a *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, e provérbios populares variados. Também são retomadas datas históricas, como a Proclamação da República e a Constituição promulgada em 24 de fevereiro de 1891.

Mais recentemente, a obra de Machado de Assis foi retomada e incorporada na obra *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum. Como argumenta Daniela Birman:

Ao reler o mito bíblico da discórdia entre Esaú e Jacó, citando explicitamente o autor de *Dom Casmurro*, o autor manauara não se limita a retrabalhar o romance de Machado e a lenda testamental num plano pessoal, aquele do conflito entre os dois irmãos inimigos. Com efeito, os dois gêmeos do escritor são passíveis de serem interpretados de forma alegórica, possibilitando uma leitura política repleta de vínculos com a obra de Machado (BIRMAN, 2017).

Desta forma, Daniela Birman explica que Hatoum relê tanto os personagens bíblicos quanto os gêmeos machadianos, possibilitando também uma possível metáfora com a política vigente, apesar da diferença entre épocas: enquanto um narra os acontecimentos da Proclamação da República, o outro remete à Ditadura Militar no Brasil.

Daniela Birman (2017) também afirma que Hatoum não somente retoma a temática da rivalidade fraterna e apresenta um período histórico, como também se aproxima de Machado de Assis ao tratar a sociedade e as transformações sociais de maneira crítica.

Acerca das relações entre os irmãos gêmeos, Omar e Yaqub também se aproximam em semelhança a partir das diferenças: “na medida em que avança no enredo da discórdia entre os irmãos, ele [o narrador] nos mostra como os dois, indivíduos de temperamento, ambição e comportamento extremamente contrastantes, manifestam-se similares” (BIRMAN, 2017).

A autora ainda reflete acerca do modo como as duas obras tratam da importância do ato (elemento que será abordado a seguir). Esta característica diz respeito às escolhas que são feitas, principalmente em relação às dualidades: em *Esaú e Jacó*, Flora não decide por nenhum dos irmãos, pelo contrário, acaba por morrer na indecisão; já em *Dois Irmãos*, o narrador Nael não concorda com nenhum dos irmãos, optando por uma terceira maneira de encarar o mundo, menos extrema.

5. A IMPORTÂNCIA DO ATO E A RIVALIDADE FRATERNA

Antonio Candido (2004), em “Esquema de Machado de Assis”, define que uma das características fundamentais da obra de Assis é a importância que as ações dos personagens têm, isto é, que não basta pensar demais ou se prolongar diante de fatos, que somente a ação pode provocar mudanças e interferir no meio.

Sobre este assunto o autor propõe os seguintes questionamentos: “Serei eu alguma coisa mais do que o ato que me exprime? Será a vida mais do que uma cadeia de opções?” (CANDIDO, 2004, p.26). Tais perguntas, segundo o crítico literário, são recorrentes na obra machadiana e apresentam aos leitores as reflexões que são feitas sobre a importância que nossas

ações tem diante dos momentos por nós vivenciados. Candido (2004) utiliza-se justamente do romance *Esau e Jacó* para exemplificar esta característica de Machado de Assis.

De acordo com o crítico, a importância do ato não é demonstrada pelos gêmeos Pedro e Paulo, já que estes estão sempre rivalizando e escolhendo opções diferentes para se anularem. Como afirma Candido (2004, p.26), Machado apresenta a questão da importância do ato “sob a forma simbólica da rivalidade permanente de dois irmãos gêmeos, Pedro e Paulo, que representam invariavelmente a alternativa de qualquer ato. Um só faz o contrário do outro, e evidentemente as duas possibilidades são legítimas”. Logo, Pedro e Paulo não precisam escolher, mas sim representam as escolhas possíveis a serem feitas.

Acerca desta dualidade entre os irmãos, surgem as discussões sobre as possíveis metáforas que os dois representam e sobre a temática fraterna, muito comum às narrativas. Segundo Arruda Filho (2008), as brigas entre irmãos continuam sendo contadas e retomadas devido à verossimilhança e ao reconhecimento que causam nos leitores, visto que o assunto é extraído da realidade de nossas sociedades. Além disso, este autor ainda considera tramas com enredos fraternos carregados de tensão dramática e de carga emocional. Todo esse reconhecimento e sensibilização com este tipo de narrativa provém do fato de que:

[...] as relações entre irmãos [...] delineiam uma paisagem afetiva que é comum a quase todos os escritores e leitores – a identificação é imediata, porque, historicamente, todos os grupos sociais elaboraram um padrão de referência sobre o tema. E, na modernidade, o que deveria ser apoio, compreensão e fraternidade se transforma em ressentimento, ciúme e ódio – inclusive porque as bases dessas relações estão sedimentadas na desigualdade (primogenitura, força física, inteligência, ciúme, inveja, ressentimento, afetividade e/ou formas subjetivas de sofrimento) (ARRUDA FILHO, 2008, p.15).

Sendo assim, a maioria das pessoas que leem obras como *Esau e Jacó* têm irmãos e já passaram por conflitos parecidos em suas vidas. E, mesmo que faça muito tempo que estas histórias fazem parte da nossa cultura, ainda hoje as relações fraternais são problemáticas e envolvem questões de poder e dinheiro.

Arruda Filho (2008) ainda aponta para o fato da rivalidade fraterna ser ampliada por se tratar da relação entre irmãos gêmeos, pois, além de poder e dinheiro, a relação envolve uma quebra da individualidade. Por outro lado, este autor ainda aponta para a complementariedade que pode haver entre os irmãos, isto é, mesmo na diferença, ambos se complementam e conseguem se ajudar. É o que parece ocorrer em *Esau e Jacó*:

[...] em *Esau e Jacó*, a complementariedade fraterna está condicionada ao antagonismo: quanto maior for o grau de animosidade ou de afastamento afetivo mais os irmãos se assemelham e se completam; nos momentos de calma eles se mostram diferentes, como se alguma coisa estivesse em falta (ARRUDA FILHO, 2008, p.291).

Ou seja, apesar de Pedro e Paulo terem conflitos desde antes do nascimento, sua briga serve para complementá-los e assemelhá-los: a rivalidade os torna mais parecidos do que já são fisicamente.

Entretanto, o conflito entre os irmãos jamais se realiza como expressão absoluta da violência fraterna. Nenhuma das questões que são caras aos gêmeos (exceto Flora e a oposição entre o Império e a República) transcende a banalidade ou o superficial [...] (ARRUDA FILHO, 2008, p.291).

Neste ponto, Arruda Filho (2008) dialoga com Candido (2004), já que é perceptível que como não há ato entre os gêmeos, suas brigas acabam não tendo importância e não interferem realmente nas situações.

Outros autores que discutem a obra machadiana, em especial *Esau e Jacó*, por sua vez, atribuem à rivalidade entre Pedro e Paulo algumas metáforas. Daniela Birman (2017) aponta para os gêmeos como metáforas dos regimes políticos, haja vista o período histórico que narra o romance.

O período histórico que narra a história de *Esau e Jacó* é marcado pela transição do sistema monarquista para a república. No artigo de Lafer (1989) é exposta a ideia de que no período de monarquia, o poder estava concentrado em um só poder, sendo este de uma pessoa. Desta maneira, o poder passaria hereditariamente, permanecendo sempre nas mãos dos “grandes”. Já o conceito de república é colocado como ideia contrária ao governo anterior (monarquia), em que o poder demonstra apresentar de maneira concentrada em um corpo coletivo, ou seja, vários indivíduos colaboram para o planejamento e organização do governo (LAFER, 1989.p. 214-215).

Acerca do período histórico e do romance *Esau e Jacó*, Daniela Birman afirma que:

[...] a mais evidente alegoria do romance, também apontada pela crítica, consiste no vínculo dos irmãos Pedro e Paulo com, respectivamente, a Monarquia e a República. A oposição entre os dois regimes foi trabalhada por Machado, dessa forma, a partir de um fundo de semelhança, visto que o conflito se dá entre gêmeos, idênticos fisicamente. Como escreve Machado: “No dia sete de abril de 1870 veio à luz um par de varões tão iguais, que antes pareciam a sombra um do outro, se não era simplesmente a impressão do olho, que via dobrado” (Assis, 1997, p. 958). Não é difícil ler aqui nota irônica, indicando que, se os citados duplos são tão parecidos a ponto de serem

confundidos um com o outro, as formas de governo que eles alegorizam também podem se opor sobre um fundo de identidade (BIRMAN, 2017).

Sendo assim, os gêmeos serviriam para metaforizar os regimes políticos em discussão à época histórica que trata a narrativa, além de servir como crítica ao jogo político, pois, se os gêmeos são idênticos, os regimes também não possuem grandes diferenças e não há por que escolher um em detrimento do outro. Cury (2016, p.118) também aponta para esta crítica realizada por Machado:

A facilidade com que os dois irmãos machadianos invertem posições políticas de defesa e condenação do nascente regime republicano aponta criticamente para a cética indiferença com que Machado encara a mudança de regime político no Brasil que acaba se resumindo num problema de “mudança de tabuleta”.

Novamente, tanto em Cury (2016) como em Birman (2017), há uma conversa com Candido (2004), pois, como ele afirma, os gêmeos são apenas opções, ambas válidas. Logo, tanto a monarquia, quanto a república são alternativas viáveis e com pouca variação.

Outra possibilidade de interpretação da metáfora estabelecida por Pedro e Paulo é discutida por Azevedo (2012). Esta autora apresenta em seu artigo uma análise sobre como a rivalidade entre os gêmeos pode simbolizar o confronto entre os “autores” da obra: Machado de Assis e Conselheiro Aires. Esta metáfora remeteria diretamente ao conto bíblico de Esaú e Jacó, no qual o primogênito acaba servindo ao irmão mais novo. Sendo assim, o livro “Último”, do memorial de Aires seria a obra inicial, que fora raptada por Assis, publicada e obteve fama.

Após toda esta discussão sobre a rivalidade entre Pedro e Paulo e acerca do fato de eles não realizarem escolhas, é preciso retornar ao ponto inicial: a importância do ato. Como explica Candido (2004), não são os gêmeos quem escolhem, pelo contrário, são eles as alternativas. Sendo assim, a personagem que cabe tomar decisões e agir é Flora, a moça disputada pelos gêmeos.

Candido (2004) expõe que é comum em obras machadianas a mulher ser responsável por decidir e tomar atitudes. Para o autor, decidir sobre algo ganha importância visto que se deve pensar eticamente e tomar uma posição que não poderá ser anulada posteriormente, “porque uma vez praticado define e obriga o ser de quem o praticou” (CANDIDO, 2004, p.26).

Flora, então, é a personagem do romance que deve conhecer as alternativas possíveis e fazer apenas uma escolha, ter somente uma atitude diante da situação. Entretanto, esta é uma ação difícil para a moça, como descreve Candido (2004, p.26):

Os irmãos agem e optam sem parar, porque são as alternativas opostas; mas ela, que deve identificar-se com uma ou com outra, se sentiria reduzida à metade se o fizesse, e só a posse das duas metades a realizaria; isto é impossível, porque seria suprimir a própria lei do ato, que é a opção.

É desta maneira que Candido (2004) explica a importância do ato metaforizado em Machado de Assis, sendo que só a escolha de uma das opções poderia ser feita e interferiria nas relações entre os irmãos e suas famílias. Porém, como apresenta o crítico literário, Flora é incapaz de realizar uma ação e acaba por morrer.

6. APARÊNCIA VERSUS ESSÊNCIA

Analisa-se na obra machadiana *Esau e Jacó*, conforme o que Bosi (1999, p. 26) aponta sobre aparência e essência, segundo o qual se "separa ambas as instâncias é sempre uma operação ingrata, mas em caso de perigo a consideração pública, a *alma exterior*, terá primazia". Isto é, a obra carrega consigo um viés encontrado pelo autor que, por meio da narrativa, sugere o tema "aparência *versus* essência".

"Aparência *versus* essência" é um tema recorrente nas obras machadianas e é responsável pela queda das máscaras sociais, colocando de lado as ilusões do movimento Romântico para considerar a realidade social, no Realismo.

Nesse sentido, podemos citar o artigo de Bruna Pereira Caixeta (2013), que aponta este tema machadiano como "se a realidade, na verdade, é [fosse] pautada nas aparências, a descrição somente do exterior (das relações, do meio) captará a aparência e não a essência, portanto, não será realista, ainda que exista um esforço de caráter científico para apreensão e estudo da realidade" (CAIXETA, 2013.p. 13).

Aplicando o tema "aparência *versus* essência" na obra *Esau e Jacó* de Machado de Assis, podemos comparar as profissões dos personagens principais, Pedro e Paulo, sendo médico e advogado, profissões consideradas almejavéis e bem requisitadas. Outro aspecto possível a ser levantado é que Pedro e Paulo têm características (essência) totalmente opostas, e por ser gêmeos semelhantes (aparência), tanto que Flora acaba confundido os dois.

Outro ponto que podemos relevar é sobre as famílias presentes da narrativa, pertencentes a classe burguesa, com alto poder aquisitivo e social. Portanto, para a sociedade se sentem no dever de mostrar sua "aparência", mas nunca a sua "essência".

Um destaque que Machado de Assis dá ao tema é no capítulo XLVII: "s. Mateus, IV, 1-10", no qual relata como Dona Cláudia convence Batista a mudar de lado político, isto porque

não importava o valor dos ideais defendidos, mas sim a garantia de um cargo político e da manutenção do poder da família.

A crítica de Machado em relação ao tema “aparência *versus* essência” segundo o professor Fernando Machado Brum (2014), de maneira exposta é a relação de intrigas entre os gêmeos, interligando subjetivamente a relação da narrativa com o contexto histórico, momento da queda da monarquia e transição para a república. Sendo a que no período a população não compreendia a diferença entre os dois, por serem diferentes nos discursos, mas semelhantes nas práticas políticas (BRUM, 2014).

7. A FIGURA FEMININA EM ESAÚ E JACÓ

Um dos pontos importantes nas obras de Machado de Assis são as mulheres, sempre tendo destaque em seus romances, por serem cheias de energia e de força de vontade. Stein (1984, p. 112 *apud* PRIMI, s.d.) cita que:

Na literatura europeia do final do século XIX, encontra-se com frequência um tipo de figura feminina caracterizado exteriormente pela suavidade, beleza, alvura, quase transparente. Trata-se de um ser frágil, melancólico, necessitado de repouso e com a força de vontade um tanto paralisada.

Podemos perceber que uma das personagens femininas principais do romance Esaú e Jacó que apresenta estas características é Flora, uma moça “retraída e modesta”. Sua primeira aparição no romance acontece no capítulo XXXI, em que é descrita da seguinte maneira:

Quem a conhecesse por esses dias, poderia compará-la a um vaso quebradiço ou à flor de uma só manhã, e teria matéria para uma doce elegia. Já então possuía os olhos grandes e claros, menos sabedores, mas dotados de um mover particular, que não era o espalhado da mãe, nem o apagado do pai, antes mavioso e pensativo, tão cheio de graça que fazia amável a cara de um avarento. Põe-lhe o nariz aquilino, rasga-lhe a boca meio risonha, formando tudo um rosto comprido, alisa-lhe os cabelos ruivos, e aí tens a moça Flora (ASSIS, 1994, p. 62-63).

Flora que frequentava a casa de Natividade – mãe de Pedro e Paulo –, acaba se apaixonando pelos dois irmãos, assim como ambos se apaixonam por Flora. Flora, que apresenta uma certa fragilidade desde sua aparição no romance, precisa se decidir com que gêmeo ficará, porém, como os amava com a mesma intensidade, não foi capaz de escolher e, com o intuito de agradar os dois, foi ficando atormentada e incapaz de decidir. A partir disso,

Flora começa a ter alucinações e a confundir as vozes dos gêmeos tornando-os uma pessoa só. Apesar das alucinações diminuírem, Flora começa a ficar amedrontada e, assim, vem a falecer.

Uma outra questão importante, é de como as mulheres machadianas são tratadas, segundo Coutinho (1990, p. 205 *apud* HARDMAN, 2012, p.12-13), as mulheres:

[...] são as fontes mesmas da criação e da vida que ele destrói: as suas mulheres em geral são estéreis e não possuem o senso da maternidade, não desejam filhos, não se preocupam com eles. Das poucas vezes que Machado salvou a mulher da esterilidade foi para torná-la infeliz, como Natividade, que sofreu até morrer do antagonismo dos dois gêmeos.

Natividade, é uma mulher que apenas viveu para seus filhos, tendo esperança de que Pedro e Paulo se reconciliassem. Para Hardman (2012), diferentemente de Natividade, D. Cláudia – mãe de Flora –, é uma “personagem cujo caráter e cuja personalidade forte diferem das características vistas em Batista, seu marido, elo fraco do casamento.”, D. Cláudia é descrita da seguinte maneira:

D. Cláudia era uma criatura feliz. A viveza das palavras e das maneiras, os olhos que pareciam não ver nada à força de não pararem nunca, e o sorriso benévolo, e a admiração constante, tudo nela era ajustado a curar as melancolias alheias. Quando beijava ou mirava as amigas era como se as quisesse comer vivas, comer de amor, não de ódio, metê-las em si, muito em si, no mais fundo de si (ASSIS, 1994, p. 62).

Um último ponto importante que vale ressaltar sobre a figura feminina nas obras machadianas, é o ponto de vista de Mario de Andrade que publicou no artigo “Machado de Assis” (1939), o seguinte:

Na obra de Machado de Assis as mulheres são piores que os homens, mais perversas. Não que os homens sejam bons, está claro, mas são mais animais, se posso me exprimir assim, mais espontâneos. As mulheres não: há em quase todas elas uma inteligência mais ativa, mais calculista; há uma doçura, uma perversidade e não uma perversão em disponibilidade, prontas sempre a entrar em ação. Talvez nisto se possa ver ainda uma boa prova da forte sensualidade nitidamente sexual do artista. Assim, na concepção, na exposição do problema do amor, o que interessa a Machado de Assis é muito menos o amor propriamente que o eterno feminino. As mulheres dominam a vida do homem, que sofre e se torna um destino nas mãos femininas. As mulheres são mais inteligentes, mais capazes de dar uma finalidade mais complexa à vida. As mulheres são francamente mais fortes que os homens. (ANDRADE *apud* HARDMAN, 2012, p.14)

Ou seja, para Mario de Andrade, a mulher machadiana é o centro das obras, o ponto forte. Totalmente diferente de sua mãe, Flora parece ser mais fraca, mas não é por isso que ela deixa de ser a “chave para o entendimento da obra” de Machado de Assis. (HARDMAN, 2012, p.14).

8. O HOMEM É LOBO DO HOMEM

Um outro tema que podemos aplicar a obra machadiana *Esau e Jacó*, segundo Antonio Candido (2004), “é a transformação do homem em objeto do próprio homem, que é uma das maldições ligadas à falta de liberdade verdadeira, econômica e espiritual” (CANDIDO, 2004. p.28).

Observamos algumas características nos personagens Batista, pai de Flora, e sua mulher, D. Claudia. Os dois apresentam interesses em se manterem na política a qualquer custo, mesmo extrapolando os princípios do governo. Isso se afirma, de acordo com Lima (2014), em seu artigo:

O interesse maior de Machado está em deixar ver as atitudes de Batista e Cláudia no momento da crise final do Império. Há um interesse em mostrar a movimentação sutil diante da crise e como é preparada uma nova acomodação, mesmo que para isso seja necessário lançar mão dos tão mencionados – e frágeis - princípios políticos, os quais ao fim não são mais do que ‘vestes’, conforme afirma o próprio Aires, “[...] também se muda de roupa sem trocar de pele (LIMA, 2014. p. 143).

Visto então que a situação brasileira para a época, representada pelos dois personagens na obra machadiana, estava passando por conflitos e transições, e para não serem deixados sem nenhuma “cadeira” do poder do Governo, mudam de ideia todos os momentos, conforme seus interesses e os benefícios próprios.

Vale ressaltar neste ponto que Dona Cláudia, mulher de Batista, é a grande influenciadora das novas ideias, pois, segundo o capítulo “A mulher é desolação do homem”, D. Claudia demonstra ser como uma guia auxiliadora para Batista “mudar de time”, de modo que ambos obtenham sucesso na política nova – a República.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os principais elementos constituintes da obra machadiana e presentes na crítica feita por Antonio Candido (2004), destacam-se “a importância do ato”, “aparência versus essência” e “o homem como lobo do homem”. Fica perceptível a crítica de Candido (2004) acerca da relevância que Flora tem ao necessitar escolher entre um dos gêmeos; é ela a responsável pela decisão e pela realização da ação, contudo prefere morrer a agir.

Acerca da aparência e da ganância, os principais personagens que refletem isso são Cláudia e Batista, um casal que quer sempre estar acima dos outros, tendo poder econômico e social, mesmo que para isso precisem “virar a casaca”. A aparência e a essência também são demonstradas pelos gêmeos, visto que a aparência dos dois é a mesma, entretanto as essências são opostas: um é revolucionário, o outro é conservador.

Sobre as características machadianas, *Esau e Jacó* contém várias delas, dentre as quais as intertextualidades que o autor proporciona e obriga ao leitor a ter conhecimento de mundo; os triângulos amorosos e as figuras femininas fortes e participantes da sociedade; e o tão conhecido narrador machadiano que possui suas particularidades, assim como a ironia e a posição de personagem/autor da obra.

Esau e Jacó, portanto, mantém o potencial criativo e característico de Machado de Assis, sendo uma das principais obras do Realismo brasileiro. Sua leitura e seu estudo configuram um modo de pensar sobre a realidade social que, decorridos mais de cem anos, continua muito similar.

10. REFERÊNCIAS

ARRUDA FILHO, Raul José Matos de. **A invenção do inimigo**: Literatura e fraternidade. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. 585 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91683/275613.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 14 out. 2017.

ASSIS, Machado de. **Esau e Jacó**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

AZEVEDO, Sílvia Maria. *Esau e Jacó*: de rivalidades e progenitura. **FronteiraZ: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária**, [S.l.], n. 1, nov. 2012. ISSN 1983-4373. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/12613>>. Acesso em: 14 out. 2017.

BIRMAN, Daniela. Irmãos inimigos: duplos em Machado e Hatoum. **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**. [s.d.]. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/Irm%C3%A3os%20inimigos-%20duplos%20em%20Machado%20e%20Hatoum.pdf>. Acesso em: 14 out. 2017.

BRUM, Fernando Marcelo. **Veja detalhes de Esau e Jacó, leitura obrigatória da UFRGS**. Disponível em: <<https://blog.mettzer.com/referencia-de-sites-e-artigos-online/>> Acesso em: 15 nov. 2017.

BOSI, Alfredo. Uma figura machadiana. In: ---. **O enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 2000. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao17/art_mbsoares.php> Acesso em: 14 nov. 2017.

CAIXETA, Bruna Pereira. A literatura nacional do Machado de Assis escritor e crítico literário. In: **Revista Alpha**. N.14. Minas Gerais. Disponível em: <<http://alpha.unipam.edu.br/documents/18125/174150/A+literatura+nacional+do+Machado+de+Assis.pdf>> Acesso em: 14 nov. 2017.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: ---. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Intertextualidade: uma prática contraditória. **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**, v. 4, n. 8, p. 117-128, 2016. Disponível em: <<https://tst01.lcc.ufmg.br/seer/index.php/ctl/article/view/6002/4502>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

HARDMAN, Joana do Prado Melo. **Flora e a indecidibilidade em *Esau e Jacó***: panorama da figura feminina na obra machadiana. 2012. 49 f. Monografia (Licenciatura em Letras Português) — Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/3979>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

LAFER, Celso. O significado de República. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v. 2, n.4. 1989. p. 214-215. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2286/1425>>. Acesso em: 31 out. 2017.

LIMA, Ludmylla Mendes. Especificidade da representação dos fatos históricos em *Esau e Jacó* de Machado de Assis. In: **Revista História e Cultura**. Franca, São Paulo. v. 3, n. 1, 2014. p. 140-149. Disponível em: <<https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/1190/1095>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

PETRAGLIA, Benedito. Narrador em *Esau e Jacó*. **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**. [s.d.]. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/Narrador%20em%20Esa%C3%BA%20e%20Jac%C3%B3.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2017.

PINHEIRO, Tiago Guilherme. A indeterminação em *Esau e Jacó*: problemática de uma literatura exterior. In: **Revista Criação & Crítica**, no 2: 36-43, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46760/50525>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

PRIMI, Juliana. Mulheres de Machado: condição feminina nos romances da primeira fase de Machado de Assis. **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**. [s.d.]. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/Mulheres%20de%20Machado.%20Condi%C3%A7%C3%A3o%20feminina%20nos%20romances%20da%20primeira%20fase%20de%20Machado%20de%20Assis.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2017.

ZANI, Ricardo. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. **Em Questão**, Brasil, v. 9, n. 1, p.121-132, 2007. Disponível em <http://revistas.univerciencia.org/index.php/revistaemquestao/article/view/3629/3418>. Acesso em: 02 nov. 2017.